De fato, a Negritude não é essencialmente de natureza biológica. (...) A Negritude, aos meus olhos não é uma filosofia. A Negritude não é uma metafísica. A Negritude não é uma pretensiosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história dentro da história: a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas. (...)Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade. Mas a Negritude não é apenas passiva. Ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento. Ela não é nem da ordem do patético e da dor. Não é nem emoção nem dor. A Negritude resulta de uma atitude ativa e agressiva do espírito. Ela é um despertar, um despertar de dignidade. Ela é uma rejeição, e rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta. (...)

**Aimé Césaire, 1987.**

**Coleção Vozes da Diáspora Negra - 3**

ISBN 978-85-61191-33-7

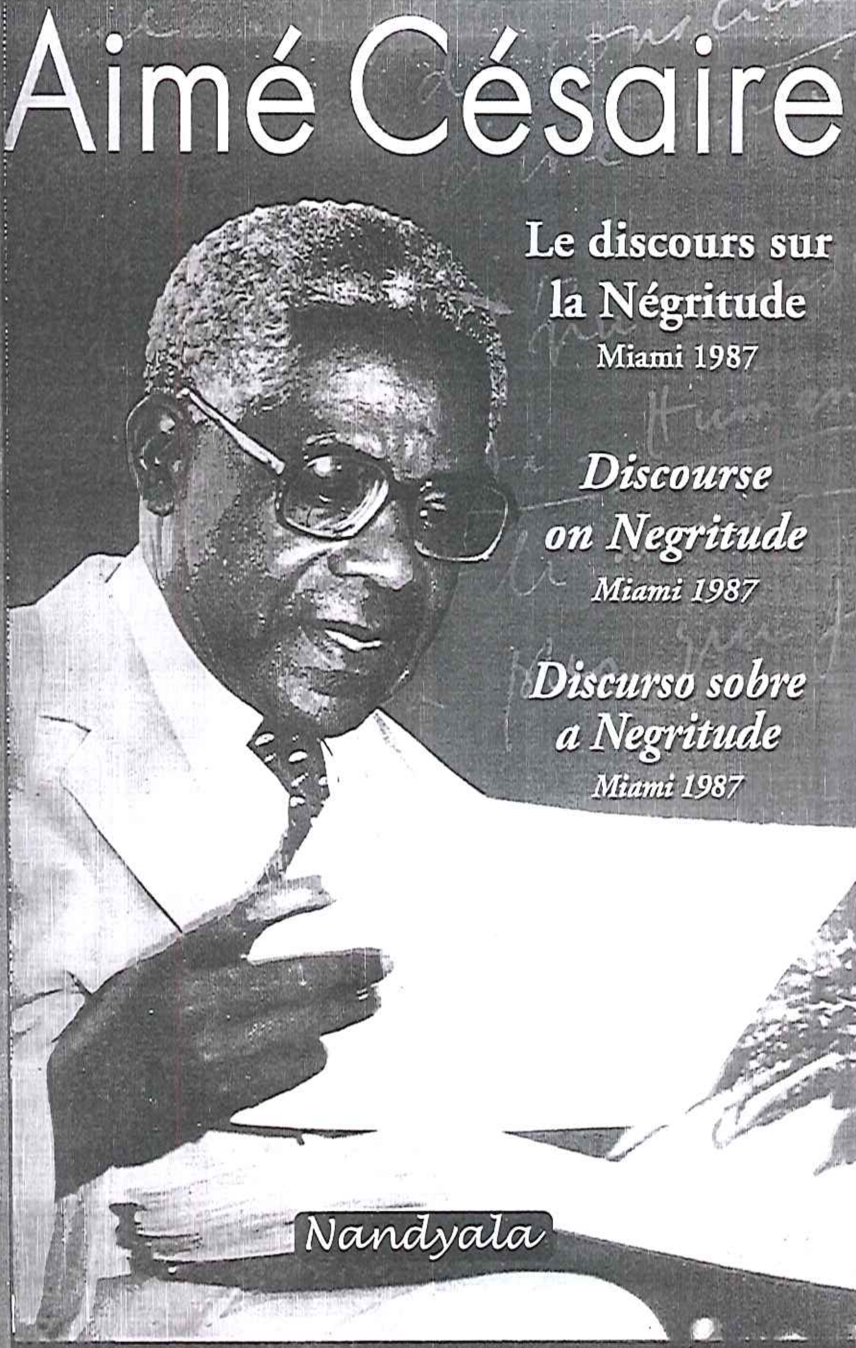



# Aimé Césaire

**Le discours sur la Négritude**
Miami 1987

***Discourse on Negritude***
*Miami 1987*

***Discurso sobre a Negritude***
*Miami 1987*



Nandyala

*O **Discurso sobre a Negritude** integra o espólio conformado por todos os pronunciamentos feitos durante a I Conferência Hemisférica sobre a Negritude, "Negritude, Etnicidade e Culturas Afro nas Américas", evento dedicado a Aimé Césaire, celebrado na Florida International University (FIU), em Miami, de 26 a 28 de fevereiro de 1987. Esse evento foi convocado por Carlos Moore e o espólio organizado pela African Heritage Foundation - radicada em Miami, Florida, criada especificamente para esse fim -, cujo arquivo compreende as alocuções pronunciadas durante a Conferência, assim como a gravação audiovisual da mesma. As principais alocuções desse evento foram publicadas na obra organizada e editada por Carlos Moore, com a assistência de Tanya R. Sanders e Shawna Moore, **African Presence in the Americas**, Trenton (New Jersey): África World Press, Inc., 1995.*

*A NANDYALA Editora agradece ao Exmo. Senhor Presidente do Conselho Geral da Martinica, Dr. Claude Lise, por sua contribuição; à Diretora para a Coordenação da Ação Cultural do Conselho Geral da Martinica, Mme. Raphaella Be-Grosmangin, pelo apoio técnico-editorial a esta iniciativa; e ao Prof. Dr. Carlos Moore, da African Heritage Foundation, pela cessão dos direitos, coordenação da obra e incentivo incondicional à circulação do pensamento de Aimé Césaire.*

**Coordenação Editorial**
Iris Amâncio

**Tradução para o Português**
Ana Maria Gini Madeira

**Revisão**
Elis Bernard Kamwa, Iris Amâncio e Nelson Maca

**Projeto Gráfico e Editoração**
Luan Gomide

Césaire, Aimé
C421d Discurso sobre a Negritude/ Aimé Césaire; Carlos Moore (Organização) – Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
(Coleção Vozes da Diáspora Negra, Volume 3).
120p.; 14 x 21 cm.
ISBN 978-85-61191-33-7
1. Ciência Política 2. Sociologia 3. Relações etnicorraciais 4.Cultura Negra 5.Literatura 6.Educação I. Título

CDU 32
CDD 327.3



**Nandyala Livros e Serviços Ltda.**
Av. do Contorno, 6.000 – Ljs 01 e 05 – Savassi
30.110-060 – Belo Horizonte – MG
**Contatos:** Tel.: (31)3281-5894 – Fax: (31)3424-8898
e-mail: nandyala@nandyalalivros.com.br
www.nandyalalivros.com.br

## SUMÁRIO | SOMMAIRE | CONTENTS



Alex Haley, Carlos Moore e Aimé Césaire (da esquerda para direita)

Prefácio de Carlos Moore*

# "NEGRO SOU, NEGRO FICAREI!"[1]

## A NEGRITUDE SEGUNDO AIMÉ CÉSAIRE

A *Negritude* é um dos mais revolucionários conceitos de luta social surgidos no Mundo Negro contemporâneo, tanto na definição dos contornos culturais, políticos e psicológicos da descolonização, como na determinação dos parâmetros da luta contra o ***racismo***. Ela é, certamente, o conceito que mais positivou as relações raciais no século XX. Cristalizou-se como movimento político e estético específico na década dos anos 1930, pela ação conjunta dos intelectuais Aimé Césaire[2], da Martinica, Léopold Sédar Senghor[3], do Senegal, e Léon-Gontran Damas[4], da Guiana.

Embora ele fosse seu mais radical expositor e articulador teórico, Césaire – contrariamente ao que se pudesse pensar - nunca reivindicou para si qualquer tipo de paternidade quanto ao conceito. "Foi no Haiti onde, pela primeira vez, a *Negritude* se pôs em pé", diz ele, com modéstia e, também, com extraordinária lucidez. Evento ímpar na história, a Revolução do Haiti (1791-1804), apesar de, ainda hoje, permanecer encoberto num espesso manto de silêncio e dúvida, representava, para Césaire, um momento definidor. *Ela sentou as próprias bases da* ***Negritude***.

[1] Frase de Aimé Césaire, aqui adotada como título deste prefácio de Carlos Moore.

[2] Aimé Césaire nasceu na Martinica, pequena ilha do Caribe governada pela França, em 1913. Morreu em 2008, na sua ilha natal.

[3] Léopold Sédar Senghor nasceu no Senegal em 1906 e foi seu Presidente de 1960 a 1980. Morreu em 2001, na França.

[4] Léon-Gontran Damas nasceu na Guiana em 1912 e viveu nos Estados Unidos na última decada de sua vida. Morreu em Washington, em 1978.

* Carlos Moore, Cientista Político e Etnólogo graduado na Universidade de Paris-7, França. Desde 2002 é chefe de Pesquisa Sênior (honorário) na Escola de Estudos de Pós-Graduação e Pesquisa da University of the West Indies (UWI), Kingston (Jamaica).

Ao conferir à Revolução Haitiana a paternidade plena do conceito da **Negritude** em si, Césaire convida-nos, a partir daí, a enxergá-la, não como epifenômeno surgido da elucubração de algumas mentes brilhantes, mas como uma vasta proposta de ação e de pensamento social transformadora, gestada no ventre de uma singular experiência histórica. Vista desse ângulo analítico panorâmico, enraizado na experiência coletiva, a **Negritude** pode ser apreendida como o fruto do amadurecimento gradativo de toda uma linhagem de pensamento, de ambos os lados do Oceano Atlântico, sobre a condição dos africanos no seu continente e de seus descendentes na diáspora.

## RAÇA, CIVILIZAÇÃO E MODERNIDADE

Embora o avassalamento político, a perda da autonomia cultural ou mesmo a escravização não sejam, de maneira nenhuma, problemas particularmente *raciais*, eles se tornaram *concretamente raciais*, e, portanto, consubstanciais à condição do "negro" como *negro* a partir do momento em que uma visão *especificamente racista* presidiu esses acontecimentos. Isso ocorreu, concretamente, com os grandes "tráficos negreiros" árabes e europeus do século VIII ao XVIII e se agravou, singularmente, com a mundialização da hegemonia ocidental, a partir do século XVI[5].

A Modernidade teve sua gestação no bojo da maior explosão de violência e horror que a humanidade conhecera até então, consequência da expansão, além-mar, das potências da Europa ocidental. Neste tenso contexto de amplidão planetária, cristalizaram-se as definições sobre o ser humano e se construíram as instituições sociais e políticas modernas. A Modernidade deu lugar às grandes reflexões sobre ***Cultura*** e ***Identidade*** que continuam a dominar os debates sobre as sociedades. Foram as noções de ***raça*** e **civilização**, assumidas com novos argumentos teóricos e científicos a partir do século XVI, que orientaram esses debates.

[5] A problemática complexa do ***racismo*** não tem nada de moderno; ela surgiu em vários cantos do planeta, em épocas diversas, desde a alta Antiguidade. Ver: Carlos Moore, *Racismo & Sociedade*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.



De maneira grosseira e arbitrária, a ***raça*** delimitaria, oficialmente, três compartimentos geográficos, supostamente civilizacionais e raciais: a Europa "branca", a Ásia "amarela" e a África "negra". Não havia mais como fugir da ***raça***. Ela seria, cada vez mais, a categoria privilegiada e totalizadora que demarcaria os espaços mais básicos entre os humanos e que sustentariam tanto as diferenças como as razões para explicá-las.

A ***raça*** e o ***racismo*** foram erigidos pelos *não-negros* em uma *metaconsciência* totalizadora, definidora do humano em termos puramente tautológicos, maniqueístas e essencialistas, como fruto de uma *metavisão* hegemônica. A Revolução Industrial e a emergência do Capitalismo industrial as transformariam numa "consciência/estrutura" hegemônica planetária. De modo que, do século VIII aos dias atuais, o chamado Mundo Negro - principal alvo das agressões e depredações do expansionismo ocidental - nunca escapou da ***noção de raça*** definida fora dos seus domínios, sem a sua participação e sempre contra ele. Portanto, desde séculos atrás, a "questão racial" constituiria um dos grandes eixos de reflexão teórica e de práxis política que caracterizara a Modernidade. As lutas dos povos de pele preta, pela sua emancipação, particularmente aqueles de ascendência africana, não teriam como evitá-la.

A Revolução Haitiana foi pioneira na constituição de um contraponto político-teórico inteligível do Mundo Negro à *metavisão* racializadora. Lá, elaborou-se, pela primeira vez, e de maneira global, uma resposta do mundo africano escravizado ao mundo ocidental, hegemônico e escravagista. Aquilo que, hoje, reconhecemos como ***Negritude*** foi colocado de maneira radical e inequívoca diante do mundo, então dominado totalmente pelo Capitalismo predador, expansionista e militarista do século XIX.

O Haiti produz a primeira Revolução radical de essência antirracista, anticolonialista e anti-imperialista. Um desafio global à proposta monstruosa da desigualdade congênita entre as raças humanas e a superioridade natural de uma sobre a outra. Ela é o grande divisor de águas da modernidade, relativo à reivindicação fundamental dos direitos inerentes à condição humana. Não por acaso, Joseph Antenor Firmin

(1850-1911), antropólogo haitiano, foi o primeiro intelectual negro a transferir esse desafio para o campo teórico e científico. Sua obra, *De l'égalité des races humaines (A Igualdade das Raças Humanas)*[6], publicada em Paris em 1885, respondia ponto por ponto às teses de Arthur De Gobineau[7].

Paralelamente a Firmin, ao longo do século XIX, os intelectuais haitianos se mostrariam preocupados por definir uma resposta teórica global às teses dominantes no Ocidente sobre a inferioridade dos *negros*. Assim, os pensadores haitianos Louis-Joseph Janvier (1855-1911)[8] e Hannibal Price (1841-1893)[9] contribuíram para a fundação das bases antropológicas do ***Panafricanismo*** e da ***Negritude***.

Alexander Crummell (1819-1898), dos Estados Unidos, e Edward Wilmot Blyden (1832-1912), das Ilhas Virgens, são conceituados como verdadeiros precursores do **Panafricanismo**. Com seu *Christianity, Islam and the Negro Race*[10] (O Cristianismo, o Islã e a Raça Negra), Blyden produziu uma das obras consideradas hoje fundantes do ***Panafricanismo***. É dele o famoso slogan "A África para os Africanos", que o jamaicano Marcus Garvey converteria em uma expressão emblemática da descolonização. *The Souls of Black Folks* (As Almas da Gente Negra)[11], obra prima do grande sociólogo e líder negro norteamericano William Edward Burghart DuBois, é, sem dúvidas, incontornável na perspectiva dos fundamentos teóricos basilares do ***Panafricanismo e da Negritude.***

O primeiro conclave panafricano - "Primeira Conferência Pan-Africana" - foi realizado em Londres, em 1900, sob o impulso de Henry Sylvester Williams, advogado de Trinidad e Tobago, e com o apoio moral de Blyden, Firmin e DuBois.

[6] Joseph Antenor Firmin, *De l'égalité des races humaines,1885. The Equality of the Human Races.* New York, Garland Press, 2000.

[7] Joseph Aurthur de Gobineau, *Essai sur l'inégalité des Races humaines, 1854.* Paris: Éditions Pierre Belfond, 1967.

[8] Louis-Joseph Janvier, *L'Égalité des races.* Paris: G. Rougier, 1884.

[9] Hannibal Price, *De la Réhabilitation de la Race Noire par la République d'Haïti* . Port-au-Prince: 1893 (primeira edição), e Imprimerie J. Verrollot, 1900 (segunda edição).

[10] *Christianity, Islam and the Negro Race,* 1887. London, W.B. Whittingham & Co (2nd ed.), 1888.

[11] W. E. B. DuBois, *The Souls of Black Folk.* Chicago: A. C. McClurg & Co., 1903.



Os dois últimos assistiram essa congregação de dirigentes negros mundiais em torno ao ideal da emancipação da Mãe África. O evento aconteceu num contexto de correlação de forças preponderantemente favorável às nações imperiais da Europa, com seus debates e conclusões refletindo essa realidade. As reivindicações de mudanças do momento não implicavam na impugnação da Europa em si. Assim, essa primeira fase do ***Panafricanismo*** (1900 a 1925) teve uma postura doutrinal moderada, senão apologética, não faltando ressalvas reconfortantes às potências colonizadoras.

Tudo isso mudaria com a ascensão do brilhante e carismático líder Marcus Garvey e o ***Panafricanismo*** político e *econômico* radical inaugurado por ele, apoiando-se na maior organização negra conhecida na história: a *Universal Negro Improvement Association* (Associação Mundial para o Melhoramento da Condição dos Negros), UNIA. O projeto político transnacional garveyista se desdobrava numa afirmação valorizadora e defensiva da raça negra: "Desconsidero fronteiras no que diz respeito ao Negro; o mundo inteiro é a minha província até que o Negro livre seja". No tocante à questão da *identidade racial,* também não cabia ambiguidades no seu discurso: "O Negro deve sentir tanto orgulho de ser negro quanto o branco de ser branco."

Fundada logo após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a UNIA se converteu em uma gigantesca organização que, no seu apogeu, nas décadas de 1920 e 1930, chegou a somar entre *dez e quinze milhões* de afiliados. Sua meta: congregar todos os povos negros do mundo sob um mesmo guarda-chuva ideológico e político; a união entre os povos da diáspora e os da África, a fim de expulsar as potências imperiais, libertar *todo* o continente africano e unificá-lo. Na *Convenção Internacional de Povos Negros do Mundo* (1920) - o primeiro dos quatro congressos mundiais da UNIA -, um "Governo Interino Provisional da África" foi criado por votação e Garvey eleito como "Presidente Provisional".

Marcus Garvey levou o ***Panafricanismo*** a uma etapa superior de militância anticolonialista e anti-imperialista com um propósito grandioso: a constituição dos "Estados Unidos da África", grande potência industrial e militar continental. Um

estado capaz de defender os direitos de todos os povos africanos e dos negros do mundo e coexistir em pé de igualdade com todas as nações. Defendeu, sem ambiguidades, a urgência de uma mudança radical no mundo: a *expulsão* compulsória das potências coloniais do Continente Africano; a independência política imediata de todos os povos colonizados; a luta intransigente contra a supremacia branca. Resumiu essas demandas no slogan: "Europa para os europeus. Ásia para os asiáticos. A África para os africanos, no continente e no além-mar!".

Paralelamente à efervescência garveyista, e influenciada por ele, uma ampla convulsão "negrista" vinha à luz na Europa e nos Estados Unidos. Período crítico que anunciava a Segunda Guerra Mundial, os anos 1920 e 1930 testemunharam o desenvolvimento, nos Estados Unidos, do *Harlem Renaissance* ou *Negro Renaissance* (Renascimento Negro). Ele floresceu sob o impulso de grandes intelectuais que também sentaram as bases daquilo que seria catalogado apropriadamente como *Negritude*: Hubert Harrison, James Weldon Johnson, Countee Cullen, Zora Neale Hurston, Alain Locke, Langston Hughes, Claude McKay, W.E.B. DuBois. Inclusive, o próprio *Negro Renaissance* tinha sido precedido e influenciado pela prodigiosa contribuição do antropólogo e intelectual haitiano, Jean Price-Mars, (1876-1969) cuja obra prima, *Ansi parla l'Oncle*[12] (Assim Fala o Tio), publicada em 1928, eletrizou os intelectuais do mundo negro. Price-Mars entraria para a história do Panafricanismo como um dos pioneiros da **Negritude**.

Na França, a agitação panafricana e "pan-negra" teve seus próprios visionários: Lamine Senghor (1889-1927)[13], senegalês, Kojo Tovalou Houénou (1887-1936)[14], daomeano, e Tiemoko Garan Kouyaté (1902-1942)[15], maliense. As alianças, disputas e combates desses precursores, e as pioneiras organizações militantes que eles criaram – *Comité de Défense de La Race Nègre* (Comitê de Defesa da Raça Negra), *Ligue de Défense de La Race Nègre* (Liga para à Defesa da Raça Negra), *Ligue Universelle pour La Défense de La Race Noire* (Liga Universal para à Defesa da Raça Negra) –, fermentaram todas as agitações anticolonialistas, antifascistas e panafricanistas posteriores.

Na realidade, os movimentos ***panafricanistas***, que eclodiram em solo francês, agiam em paralelo com a *Universal Negro Improvement Association* garveyista. A convite dessas organizações negras, Garvey visitou Paris, em 1927, e proferiu uma contundente conferência. A pletóra de publicações negras já existentes na época - *La Race Négre* (A Raça Negra), *Le Crie des Négres* (O Grito dos Negros), *La Grande Patrie* (A Grande Pátria), *Les Continents* (Os Continentes), *La Voix des Négres* (A Voz dos Negros), *La Revue Du Monde Noir* (A Revista do Mundo Negro) e *Légitime Défense* (Legítima Defesa) – repercutiram amplamente a doutrina garveyista.

Césaire absorveria todo esse legado precursor.

## O DESPERTAR

Aimé Césaire havia crescido num ambiente composto de pessoas esmagadas pela certeza da superioridade do mundo branco colonizador. Solitário e minado pela incerteza de sua própria identidade, desembarcou em Paris aos dezoito anos, em 1931, para continuar seus estudos superiores. A pura sorte o colocou em contato com o estudante senegalês Léopold Sédar Senghor, que mudaria, de maneira profunda, a sua visão do seu lugar no mundo. Senghor o despertara para suas raízes africanas, partilhando conhecimentos sobre o passado dos povos do continente ancestral.

O senegalês discursa sobre a necessidade de reconhecer os valores específicos desenvolvidos pelos povos de pele preta e ensina-lhe a amar a África de culturas milenares. Recupera-se aí, categoricamente, a existência de um "passado especificamente negro". Um passado marcado ora pela glória, ora pelo trágico. Recuperar o passado negro: única maneira daqueles que foram marcados com o ferro quente da infame escravidão racial se encontrarem ontologicamente.

[12] Jean Price-Mars, *Ainsi parla l'Oncle*. (Essai d'Ethnographie). Compiègne (France): Imprimerie de Compiègne, 1928.

[13] Lamine Senghor, nasceu no Senegal em 1889 e morreu, na França, em 1927.

[14] Kojo Tovalou Houénou, nasceu no Daome (actual Benin), em 1887. Morreu, no Senegal, em 1936.

[15] Tiemoko Garan Kouyaté, nasceu no Mali em 1902. Morreu na França, em 1942, executado pelos nazistas.

Tratava-se da assunção redentora de úma identidade negada, de um passado silenciado, de uma singular e rica herança histórica vergonhosamente esquecida, às vezes de maneira voluntária. E também de um "futuro especificamente negro", sem necessidade de se converter no Outro para ser. E, com isso, afirmarem-se como parte integrante e central daquela espécie humana da qual foram expulsos por um ato de ódio supremo em meio a uma conquista total.

Momento de explosão visionária, Césaire prevê o futuro: a assunção total, pelos negros, de seu passado convulso. Passado em que se misturam a glória de civilizações pioneiras e a infâmia da estrepitosa queda de toda uma raça no horror da escravidão. Fortalecido desse novo sentido de orgulho, que o tomava não somente pelo conhecimento da contribuição ancestral, mas também pela aceitação honrosa da cor e dos traços fenotípicos diferenciais que o identificavam como "negro", Césaire parte para a ação política contra o colonialismo europeu.

Por abrir seus olhos - e permitir-lhe recuperar sua confiança em si - Césaire seria grato a Senghor.

O termo ***Negritude*** ainda não tinha vindo à luz. Mas foi sob a sombra dessa aglutinadora e mágica palavra, aproximados pela luta anticolonialista e antirracista, que Léon Gontran Damas, Léopold Sédar Senghor e Aimé Césaire se reuniram em concílio político desafiador. Eles firmaram o *pacto triunviral* que fundou formalmente a ***Negritude***. É certo que, no nascedouro, esse conceito privilegiou o poético e o literário. Eles eram, sobretudo, poetas. Mas, na medida em que eram também *negros*, transitavam num mundo onde a cor da pele, o fenótipo e a ascendência africana definiam e fixavam a subalternidade *racial*. Coube a Césaire a articulação, ao longo de três décadas de ação e de reflexão, da mais abrangente e radical definição conceitual e pragmática da ***Negritude***. O Marxismo e o Surrealismo, ambos no auge na Europa da época (Césaire se filiaria ao Partido Comunista Francês na década de 1940), lhe serviriam também como sustentáculos nos planos conceitual e estético.





Três eventos iriam lançar Aimé Césaire na trilha de um destino singular: a irrupção da Segunda Guerra Mundial sob a impulsão do Reich nazista em aliança com o fascismo dos impérios Nipônico e Mussoliniano (1935-1945); a emergência do Movimento Comunista mundial, única força de contraposição, em escala planetária, ao mundo imperial e colonial capitalista; e a luta anticolonial, no pós-guerra, contra aquelas mesmas "democracias" europeias que derrotaram o Nazismo.

A convulsão econômica e política que vivia a Europa, na década de 1930, pressagiava a deflagração bélica maior que o mundo conheceria: a Segunda Guerra Mundial. A Guerra Civil de Espanha, clássico confronto entre esquerda (republicanos) e direita (franquistas), polarizava os intelectuais e militantes políticos europeus. Esta polarização se estendeu ao Mundo Negro com a invasão e conquista da Etiópia, em 1935, pela Itália fascista de Mussolini. Pela primeira vez, na história, os *negros* de todos os lugares mobilizaram-se sem distingo doutrinal em torno de uma questão única: a defesa de um país negro injustamente agredido. A defesa da Etiópia era uma preocupação central.

Em 1935, em plena guerra ítalo-etíope - junto com Senghor e Damas - o jovem estudante Césaire fundaria *L'Étudiant Noir* (O Estudante Negro). Militante em suas intenções, tal revista disseminaria as vozes do anticolonialismo e da reivindicação negra no mundo francófano. Diante da equação fascista-nazista, assim como da colonialista, Césaire emplacou uma luta sem apelo. Em um mundo fortemente hierarquizado em desfavor dos negros, forjar um novo destino, autoassumido, e reconquistar o lugar de protagonista na história, implicava a plena assunção de uma *identidade racial* postulada em termos e valores definidos pelos próprios negros. Havia mais: o reencontro do negro não se daria na enunciação de mágicas frases universalistas, cuja abstração, no que diz respeito à *cultura* e *identidade*, rivaliza com o vazio ontológico. Dar-se-ia através de um ***re-enraizamento*** que, para ser fecundo, teria que estar inserido numa trama verdadeira e concreta: a trama especificamente *africana*, desde as primícias autônomas até o presente de luta contra um estatuto infamante e alienador.

Essa recuperação apresentava-se como único caminho para a reinserção do negro na trama humana em seus próprios termos de emancipação social, com independência política e liberação ontológica. O protagonismo, com autonomia, dos povos de estirpe africana não viria sem que os mesmos assumissem o fato racial com todas as suas consequências, tanto culturais quanto políticas, num processo salutar de autorreconhecimento, valoração e legitimação.

As palavras *assimilação, identidade* e ***racismo***, que entraram irrevogavelmente no vocabulário e na consciência do jovem martinicano, explodiriam oito anos depois, em 1939, em um verdadeiro grito de insurgência contra a ordem racial exploradora e negadora do Ser Humano, instaurada pelo Ocidente: *Cahier d'un retour au pays natal* (*Caderno de um Retorno ao País Natal*).[16] Belo, longo e telúrico "poema-manifesto", essa conclamação consagrou, de maneira formal, a existência da *Negritude* como movimento, pensamento e noção.

À primeira vista, o referente concreto desse "*País Natal*" seria a Martinica, pátria de antigos escravos e colônia desprezada. Entretanto, essa terra dolorida, ensanguentada, é também referência metafórica para um outro retorno, mais abrangente em termos históricos e culturais. O retorno espiritual e afetivo à Mãe África num gesto voluntário - prometeico - de recuperação global de um singular passado civilizacional multissecular. Foi nesse poema clássico que irrompeu, pela primeira vez, a palavra-noção, a palavra-missão, a palavra-doutrina, que se converteria em programa de combate e quase filosofia de emancipação; que definiria, para os negros do mundo inteiro, a própria práxis da busca identitária ao longo do século XX e na atualidade. Surgia a palavra ***Negritude***:

*Minha negritude não é uma pedra, surdez*
*arremessada contra o clamor do dia*
*Minha negritude não é uma mancha de água morta*
*sobre o olho morto da terra*
*Minha negritude não é uma torre ou uma catedral*

[16] Aimé Cesaire, *Cahier d'un retour au pays natal*. Paris: Volontés, 1939; Paris: *Présence Africaine*, 1968 e 1971.



*Ela mergulha na carne vermelha do solo*
*Ela mergulha na carne ardente do céu*
*Ela rompe o desânimo opaco com a sua justa paciêcia.*[17]

Verdadeiro grito enunciador de um pensamento teórico insurrecto e de uma prática militante de desalienação do Mundo Negro, o *Caderno* anuncia uma telúrica metamorfose: do gesto de emancipação individual e reinvenção pessoal, para uma reivindicação coletiva assentada numa enunciação teórica; de um protesto localizado, voluntariamente confinado ao literário e ao artístico, a uma proposta política de revolta planetária.

Já assumida como *movimento*, a ***Negritude*** se transformou, rapidamente, numa formidável arma teórica de reivindicação coletiva, *racialmente grupal*, em prol da grande mudança social. Nesse sentido, pode-se, legitimamente, designar a **Negritude** como um verdadeiro ***Panafricanismo Cultural***.

O *Caderno* repudia qualquer veleidade assimilacionista. Bem pelo contrário, exalta no *protagonismo negro* a única via possível para a descolonização política e mental das sociedades negras sob dominação ocidental. O ***racismo*** teria que ser confrontado no próprio terreno de sua enunciação: a ***raça***. Não adiantaria negar a ***raça*** em função de uma visão universalista abstrata ou pela enunciação de uma vontade ecumênica; haveria que assumir a **raça**, voluntariamente, mas através de uma revalorização antirracista.

Como combater o ***racismo***, assumindo a ***raça*** como noção operativa, sem, por sua vez, cair no essencialismo racial? Este é um ponto polêmico que atravessa a história do movimento da ***Negritude***. Em *Orfeu Negro*, o lúcido e profundo prefácio à obra *Anthologie de la nouvelle poésie africaine et malgache* (*Antologia da nova poesia Africana e Malagache*)[18], o filósofo Jean-Paul Sartre se ocupa dessa interrogação, argumentando sobre o que ele compreendia ser a essência da nova corrente de ideias chamada ***Negritude***:

[17] Ibid.

[18] Jean-Paul Sartre, "Orfeu Negro". Prefácio à *Anthologie de la nouvelle poésie africaine et malgache* (Léopold Sédar Senghor, org.). Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 1948.

> *Embora a opressão seja um fato único, ela é circunstanciada pela história e pelas condições geográficas: o Negro é vítima da opressão enquanto* negro, *enquanto indígena colonizado ou como africano deportado. E já que ele é oprimido devido à sua raça, ele deve primeiro tomar consciência dela. Deve obrigar aqueles que tentaram, durante séculos, reduzi-lo realmente ao estado de animal* - por ser negro - *a reconhecê-lo como homem. (...) O Negro não pode negar que é negro, nem reclamar para si uma humanidade incolor:* ele é negro. *Portanto, se vê acuado devido à autenticidade: insultado, avassalado, ele se ergue, recolhe a palavra "negro", lançada como uma pedra contra ele, e reivindica-se como negro frente ao branco com orgulho. Aquela unidade final, que congregará todos os oprimidos em um só combate, deverá ser precedida, nas colônias, por aquilo que denominaria como o momento da separação ou da negatividade: esse racismo anti-racista é o único caminho que pode conduzir à abolição das diferenças de raça.*[19]

Sartre errara somente na designação - metafórica - da *Negritude* como "racismo anti-racista", embora tenha acertado, totalmente, na explicação de sua essência fundamental. Havia que se contrapor ao racismo com muito mais do que formulações universalistas vagas. Tratava-se de um caminho teórico especificamente negro na busca da identidade roubada, da humanidade negada e da emancipação e autonomia do Ser Humano. A materialidade da *Negritude* é produto de uma realidade histórica.

O gênio de Césaire reside em ter compreendido que a *negação global* do *negro* teria que ser contraposta por uma *afirmação racial* legitimadora também *global*. Por isso rejeitou, sem hesitação, o termo de "racismo anti-racista" que Sartre, movido pelas melhores intenções, equivocadamente usou. A *Negritude* seria, para os negros, uma *estratégia* da afirmação e reafirmação de si. Um "si" grupal; oposto àquele estilhaçado e grotesco "negro" - convertido na figura historicamente emblemática do Outro pelo racismo - que povoa o imaginário de um todo mundo racializado.

[19] Ibid.



*Raça* existia; era uma construção social concreta, um incontornável legado perverso da história. Havia que desmitificá-la e torná-la inoperante mediante um pensamento e uma práxis. Para isso, faz-se necessário apelar para uma *consciência identitária especificamente negra* e, consequentemente, estruturar organizações sociais, também negras, para se contrapor em todos os planos quando o negro fora negado e esmagado.

A ***Negritude*** situa-se no terreno de um movimento de ideias e práticas que, assumindo a noção de ***raça***, para desmitificá-la, visa derrotar o ***racismo***. A ***Negritude*** é a exigência ontológica do Ser Humano que fora transformado em "negro-animal", "negro-vegetal", "negro-coisa", "negro-sujeira", "negro-fealdade", "negro-sem-história" e, naturalmente, "negro-sem-porvir".

## O EQUÍVOCO SENGHORIANO

O feliz encontro entre Césaire, Senghor e Damas se deu num contexto de forte expansão de ideias anticolonialistas no mundo. Eles foram testemunhas da emergência tumultuosa daquele novo movimento ***panafricanista***, intransigente, liderado pelo dirigente jamaicano Marcus Garvey, e também das influências radicais provindas do Movimento Comunista mundial. O momento histórico era de contestação. Embora a ***Negritude*** tenha surgido como *movimento* da obra e pensamento deles, suas escolhas e trajetórias *políticas* seriam divergentes.

Apoiando-se no Marxismo, Césaire e Damas assumiriam posições políticas radicais, advogando a *emancipação* de todas as colônias, na África e na Ásia, sobre a base da independência total. Para eles, a emancipação significava *confrontação*. No entanto, a posição deles no que diz respeito ao império colonial francês no Caribe sempre foi mais complexa, senão ambígua. Para a Martinica, Guadalupe e Guiana, eles propunham apenas a *autonomia*, não a independência; contradição que, mais tarde, lhes causaria desconforto.

O caso de Senghor teria um desdobramento distinto. Em 1933, embora o Senegal fosse uma colônia, ele já se beneficiava da cidadania francesa (à qual não renunciaria nem quando da sua eleição como presidente do Senegal, em 1960). Portanto,

sua visão "anticolonialista" se desenvolveu no interior de uma concepção dominada pela ideia fixa da *coexistência pacífica* entre colonizado e colonizador, entre as civilizações colonizadoras e as colonizadas.

Senghor se opunha ao projeto de independência das colônias. Nisso, tinha como precursor e mentor, o também senegalês Blaise Diagne, o mais conhecido dirigente africano da época. Subsecretário do Ministério das Colônias da França em África, Diagne propunha a integração total das colônias africanas à nação francesa. Como Diagne, Senghor via a *descolonização* como um processo de integração gradativa entre colônia e metrópole. No caso da África, esse processo devia desembocar na construção do que chamou "**Euráfrica**".

"Mestiçagem" e "simbiose" resumiam a base do pensamento político de Senghor. Sua concepção sobre o caráter salutar da miscigenação biológica, processo que ele via como a saída ao *racismo*, vinculava-se às ideias do colonialismo Francês da época. Por exemplo, essas ideias foram referendadas no XV Congresso de Arqueologia Pré-Histórica e de Antropologia, celebrado na França em 1931. Nesse congresso, grandes nomes da Arqueologia e da Antropologia da França pronunciaram-se por uma política de implantação, no Continente Africano, de vastas colônias de povoamento brancas, similares às da África do Sul e da Rodésia. A finalidade era a "regeneração da raça negra através da *mestiçagem*"[20]. Esse projeto eugênico, que visava ultrapassar as contradições da situação colonial - por meio de uma integração física entre a Europa e a África - seduziu o jovem Senghor, constituindo-se na própria base da interpretação que ele daria à *Negritude*, ou seja, um voluntarismo político negro de caráter integracionista.

Em seu primeiro ensaio político importante – *Ce que l'homme noir aporte*[21] (O que o homem negro oferece) - publicado em 1939, Senghor deixa bem clara sua visão: a incompletude do mundo negro e a do mundo branco, situação que exigia a junção dos dois no que ele já designara como "mestiçagem cultural". Só assim, sustentava ele, era possível atingir a "Civilização do Universal."[22] Mais tarde, ele definiria esse propósito em termos dualistas, como o casamento entre a "Lógica" (Europa) e a "Emoção" (África): "A emoção é negra e a razão é helênica."

De 1939 até sua morte, em 2001, Léopold Sédar Senghor nunca se afastaria dessa imutável visão. Ele caíra, portanto, na grande armadilha da assimilação, justamente contra a qual a ***Negritude*** surgira para lutar. Dessa visão nebulosa, conciliadora e escapista – sempre formulada em termos convenientemente ecumênicos e universalistas - surgira uma interpretação pró-ocidental, neocolonialista, da ***Negritude***.

Para Césaire, pelo contrario, "lutar contra a alienação cultural e racial consiste não em reclamar a mistura das duas raças e das duas culturas, mas o retorno às origens da raça e da civilização africana."[23] Trata-se de um retorno às fontes, sem essencialismo folclórico nem armadilhas pseudo-universalistas. "Não há uma negritude predeterminada(...) Sou contrário a uma ideologia baseada na negritude"[24], alertou. Portanto, uma luta entre duas expressões contraditórias da ***Negritude*** opôs duas opções e visões incompatíveis.

Estabelecem-se, objetivamente, duas acepções totalmente contrárias de ***Negritude***, encarnadas, respectivamente, por Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor. Essa oposição no seio dos precursores da ***Negritude*** marca o movimento ao longo da sua existência e deu lugar a divergências e enfrentamentos teóricos e políticos. Foi esse o terrível equívoco, que explicaria os intermináveis debates, atritos e conflitos em torno da **Negritude** que se seguiram.

Entretanto, esse confronto se desenvolveu em meio a relações cordiais, devido aos profundos vínculos afetivos e pressupostos fraternos que sempre uniram Senghor, Césaire e Damas. Os uniam, por acima das divergências políticas, outras considerações determinadas pela sua adesão à mesma identidade racial.

[20] *In: Roger* Toumson e Simonne Henry-Valmore, Aimé Cesaire: *Le Nègre Inconsolé*. Châteauneuf-le-Rouge (France): Vents d'Ailleurs, 2002, p. 61.

[21] Léopold Sedar Senghor, *"Ce que l'homme noir aporte"*, 1939. In: Lépold Sédar Senghor, *Liberte (I), Paris: Seuil, 1964, pag. 22-38.*

[22] Léopold Sedar Senghor, *Liberté ( III): Negritude et civilisation de l' universel*. Paris: Seuil, 1977, 1979.

[23] Aimé Césaire, citado in: Toumpson e Henry-Valmore,. Ibid, p. 67.

[24] Idem, p. 200.

## O DESAFIO CÉSAIRIANO

No início da década de 1950, a juventude nacionalista africana buscava uma ideologia radical, centrada nas realidades do Mundo Negro, que pudesse conduzir seus países à independência. A derrota das ideias racistas do Nazismo hitleriano e do Fascismo mussoliniano, bem como a destruição do Reich colonizador e expansionista, abriram uma enorme fenda no flanco dos países colonizadores da Europa, instalando uma contradição. Como aqueles países europeus, que foram invadidos e ocupados pela Alemanha nazista, poderiam justificar as suas colônias?

A massiva insurreição nacionalista contra o colonialismo francês em Madagascar (1947) e as guerras nacionalistas na Indochina (1946-54), na Argélia (1954-62) e em Camarões (1955-58) tinham dado um novo fôlego à empreitada anticolonialista. Nessa conjuntura, Aimé Césaire desenvolveria uma intensa atividade política dirigida à busca da ruptura do nó colonial e da independência total dos países africanos e asiáticos, por uma parte, e a afirmação da identidade negra, por outra. Entretanto, as limitações da ***Negritude*** decepcionariam os nacionalistas africanos: resolutamente oposto à independência, Senghor se esforçava para restringi-la ao campo puramente literário e estético.

Foi nessa tensa conjuntura que Césaire produziu um dos seus mais iluminados textos políticos: o *Discurso sobre o Colonialismo*[25]. Nele, o racismo, o colonialismo e o nazismo são equiparados; postos em pé de igualdade. São explicados como as distintas caras de uma mesma realidade ocidental opressora de enaltecimento da ***raça*** e, portanto, negadora do Ser Humano – o *racismo*!

Texto violento e certeiro, o *Discurso sobre o Colonialismo* desmentiu a versão, amplamente difundida e aceita na Europa, que creditava ao nazismo uma "aberração" e ao holocausto dos judeus um crime surgido da mente enlouquecida de "um só" homem. O nazismo, afirmou, era o ***racismo*** e nada mais. O escândalo da atitude hitleriana veio do fato de os racistas terem aplicado seu ***racismo***, pela primeira vez, a um povo *branco*! Não reconhecer isso era vendar os próprios olhos:

> *Sim, valeria a pena estudar, com detalhe clínico, as formas de atuar de Hitler e do hitlerismo, e revelar ao muito distinto, muito humanista, muito cristão burguês do século XX, que ele carrega consigo um Hitler que ele ignora, que Hitler o* habita, *que Hitler é o seu* demônio; *que, se ele o vitupera, é por falta de lógica, e que no fundo o que ele não perdoa a Hitler não é o* crime *em si, o* crime contra o homem, *não é a* humilhação do homem em si, *senão o crime contra o* homem branco, *a humilhação do* homem branco, *e o fato de ter aplicado à Europa procedimentos colonialistas que até agora só se infligiam aos árabes de Algéria, aos* culís *da Índia e aos Negros da África.*[26]

*Apartheid* na África do Sul e segregação racial no sul dos Estados Unidos = *nazismo*. Presença colonial europeia em África, em Ásia e no Caribe = *nazismo*. Os brancos do mundo conviviam, durante séculos, com o *nazismo*, sem achá-lo anormal. Descolonização, abolicionismo, luta contra o *Apartheid*, resistência anticolonialista, luta pelos direitos civis, combate anti-imperialista; pouco importava o rótulo ou as circunstâncias: os povos negros, no mundo inteiro, tinham sido compelidos a promover ações sistemáticas contra um inimigo invisível e permanente, imanente e ubíquo que, por uma fração de segundo, em termos da história total da humanidade, havia voltado suas garras para a própria Europa e agido sobre os próprios brancos.

O Discurso sobre o Colonialismo explodiu como uma bomba.

Foi naquele momento que dois jovens e intrépidos pensadores anticolonialistas irromperam na cena: Cheikh Anta Diop, cientista senegalês, e Frantz Fanon, psiquiatra martinicano. ***Panafricanistas*** militantes já influenciados pelas ideias de Césaire, mas também pelas teses do Marxismo, eles se tornariam os mais inovadores teóricos negros do pós-

[25] Aimé Cesaire, *Discours sur le Colonialisme*. Paris: Éditions Reclame, 1950. Paris: Présence Africaine, 1955.

[26] Aimé Césaire, *Discours sur Le Colonialisme*, op. cit., p. 15.

guerra. Suas contribuições teóricas fortaleceram a ***Negritude***, tornando-a ainda mais abrangente, redirecionando e enraizando-a, pela primeira vez, no campo da ciência.

Ao concentrar sua análise no âmbito do inconsciente e do imaginário social, Fanon trouxe para a ***Negritude*** sua dimensão psicanalítica. Ele trata da questão do ***racismo*** em duas obras magistrais: *Pele Negra e Máscaras Brancas*[27] e *Os Condenados da Terra.*[28] Pela primeira vez, é descrito, com precisão cirúrgica, o processo de assimilação racial que Césaire vinha denunciando desde os anos 1930. Convicto da veracidade da tese de Marx sobre a alienação do operário no processo de produção capitalista, Fanon chega mais longe, complementando-a com a sua própria tese sobre a "alienação racial".

O operário negro é duplamente alienado: pelo processo de exploração econômica, que partilha com todos os outros operários existentes, e pelo processo de *alienação racial*, que partilha exclusivamente com outros negros, operários ou não. A alienação racial afeta *toda uma raça, independente da classe social de seus integrantes*. Portanto, na realidade das relações sociais do mundo contemporâneo, existiam concretamente "dois bandos", além de operários e burgueses: os negros e os brancos. Essa proposição escandalizou os marxistas e plantou um desacordo irreconciliável entre o Fanonismo e o Marxismo.

*Pele Negra e Máscaras Brancas* analisa o ***racismo*** como um fenômeno singular, que não pode ser subsumido simplesmente na luta de classes. A despersonalização do negro era o produto de um singular e violento processo de *desaculturação* e de *desenraizamento* ontológico. Negado como humano, despersonalizado, o ser-negro é desapropriado de sua essência humana *como negro* e essa desapropriação ontológica é pautada especificamente na ***raça***. A experiência histórica da escravidão negra, centrada especificamente na ***raça***, não tinha comparação na história da humanidade. Ela também havia construído, mundialmente, todo um imaginário social específico desfavorável ao *corpo negro*, às *feições do negro* e às suas culturas. O ***racismo*** - defendeu, então, Fanon - teria surgido dessa experiência ímpar, constituindo-se em uma realidade cultural e psicológica específica, dotado de dinâmica e finalidade próprias; isto é, a sujeição permanente *dos negros* como tais, para serem discriminados e explorados.

Racismo e colonização eram binômios inseparáveis e, também, *sistemas relacionais* destinados à exploração e à negação sistemática do ser racialmente oprimido. "O racismo e o colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele".[29] Trata-se de um monstro de sete cabeças que requer uma teoria específica e uma práxis radical – que não dispensa nem mesmo a possibilidade da violência - para ser combatido. Aquela "Negritude" estéril e escapista, centrada exclusivamente no literário, na estética e no folclórico, ao tempo que fechava os olhos à dominação imperialista do mundo contemporâneo, era um beco sem saída. "Não quero cantar meu passado às custas do meu presente e futuro"[30], sentenciou Fanon.

Na visão fanoniana, a violência revolucionária é concebida como uma necessidade, para se quebrar o jugo militar colonial, e também como um indispensável instrumento de reconstrução da autoestima do ser colonizado. Fanon concebe que, para o sujeito colonizado modificar os termos da relação com o mundo que o oprime, se fazia necessário o emprego da resistência em todas as suas formas. A resistência ao ***racismo*** eleva o sujeito colonizado ao lugar de protagonista, devolvendo-lhe, com isso, a humanidade. A violência revolucionária, diz Fanon, é desalienante.

Essas teses foram comunicadas por Fanon aos dois Congressos de Intelectuais e Artistas Negros, reunidos em Paris (1956) e Roma (1959), sob a autoridade do Movimento da ***Negritude***. Os adeptos do senghorismo se espantaram; efetivamente, Fanon alicerçava, brilhantemente, as posições defendidas - a ferro e fogo - por Césaire, desde os anos 1930. Mas, também os comunistas se assustaram; Fanon ousava contradizer os fundadores do Marxismo, arguindo da existência de uma condição social especificamente negra,

devido ao racismo, e fundando novas teses sobre a sociedade.

Em 1956, Fanon uniu discurso e ação e se integrou no Exército de Libertação da Argélia (FNL), convertendo-se, rapidamente, no grande teórico das lutas revolucionárias do Terceiro Mundo contra os imperialismos do Ocidente. Ele traçou as grandes linhas da exigência emancipadora em *Os Condenados da Terra*,[31] obra que o consagraria, definitivamente, como o maior teórico da descolonização do século XX. Este livro converteu-se em fonte de inspiração para todos os movimentos de luta no mundo negro da década de 1970 em diante. Até hoje, suas advertências repercutem com a mesma força daquela época:

> *(...) Há séculos que a Europa deteve o progresso dos outros homens e os submeteu aos seus desígnios e à sua glória; há séculos que, em nome de uma falsa "aventura espiritual", sufoca quase toda a humanidade. Olhem-na hoje a oscilar entre a desintegração atômica e a desintegração espiritual. (...). Decidamos não imitar a Europa e orientemos os nossos músculos e os nossos cérebros numa direção nova. Tratemos de inventar o homem total que a Europa foi incapaz de fazer triunfar. (...)* Abandonemos essa Europa que não para de falar no homem, ao mesmo tempo que o massacra onde quer que o encontre, em todos os cantos de suas ruas limpas, em todos os cantos do mundo.[32]

Cheikh Anta Diop, outro teórico de envergadura, redimensionaria também a ***Negritude***, paralelamente a Fanon, ao lhe conferir uma sustentação histórica enraizada na investigação científica. Intelectual de formação múltipla - físico, químico, matemático, egiptólogo, linguista, historiador - Diop abate, com um só golpe, as mais arraigadas teses de sustentação da supremacia do Ocidente e da raça branca. Concomitantemente, destruiu para sempre o mito da inferioridade a-histórica dos *negros* e compromete-se com a realização do velho propósito garveyista da construção de um Estado Federal Continental da África.

Em *Nações Negras e Cultura*[33], *A Unidade Cultural da África Negra*[34], *Anterioridade das Civilizações Negras: Mito ou Realidade Histórica?*[35], *Civilização ou Barbárie?*[36], Diop argumenta sobre: a) a origem Africana da espécie humana; b) a pigmentação *necessariamente preta* dessa humanidade primordial surgida sob os trópicos; c) o povoamento do planeta a partir do Continente Africano; d) a emergência tardia dos leucodermes (brancos e amarelos) a partir de uma humanidade generalizada de pele preta; e) a emergência da primeira civilização humana na África (Egito); f) a profunda unidade cultural - particularmente linguística - entre todos os povos oriundos do Continente Africano; o racismo como "invariante cultural"[37] com origens históricas longínquas, vinculada às diferenças concretas de fenótipo entre as três raças desde a antiguidade.

Diop tinha reunido todas as provas científicas ao seu dispor com maestria. Suas teses eram tão revolucionárias que poucos intelectuais africanos ousaram aderir a elas. Ou pela incredulidade diante da súbita reviravolta da trama histórica com a qual se identificavam (geralmente eram adeptos do materialismo histórico marxista); ou por hostilidade a toda proposta que tirasse a Grécia e o Helenismo de seu pedestal. Entre os últimos estava Léopold Sédar Senghor, para quem "A emoção é negra e a razão é helênica."

Historiadores marxistas[38] se uniram aos ataques de acadêmicos de direita e condenaram, sem apelo, as reflexões diopianas, julgando a obra "reacionária" e o autor um teórico do "gobinismo negro"[39]. Por outro lado, Césaire entusiasmou-se sobremaneira, enaltecendo *Nação Negra e Cultura* como sendo

---

[33] Cheikh Anta Diop, *Nations Nègres et Culture*. Paris: Présence africaine, 1954.

[34] Cheikh Anta Diop, *l'Unité Culturelle de l'Afrique Noire*. Paris: Présence Africaine, 1960.

[35] Cheikh Anta Diop, *Antériorité des civilisations nègres : mythe ou vérité historique ?*

[36] Cheikh Anta Diop, *Civilisation ou Barbárie*. Paris: Présence Africaine, 1981.

[37] Diop não teve a oportunidade de desenvolver suas noções sobre o racismo antes de sua morte. Suas perspectivas ao respeito se encontram disseminadas em varias entrevistas. Estas são presentadas, pela primeira vez, em: Carlos Moore, *Racismo & Sociedade*. Belo Horizonte: Mazza Edições

"o livro mais audacioso que um negro jamais escreveu."[40] Com Diop, a ***Negritude*** erigiu a dimensão histórica e científica que lhe faltava, o que aprofundou ainda mais seu perfil de radicalidade. Doravante, entre o misticismo "negrista" senghoriano e as radicais teses identitárias e antiassimilacionistas cesarianas, existiria um abismo intransponível.

Frantz Fanon e Cheikh Anta Diop, efetivamente, promoveram uma verdadeira revolução conceitual na maneira de conceber e analisar o fenômeno negro, tanto no passado como no presente. As reivindicações das ideias de Césaire eram completas: o racismo devia ser analisado e confrontado como um fenômeno totalmente autônomo; a questão do Mundo Negro não podia ser reduzida, simplesmente, à "luta de classes"; os *negros* deviam se organizar, como *negros*, em torno de estratégias, doutrinas e movimentos específicas no centro das quais estaria a questão do ***racismo***; a rejeição das propostas de "assimilação" e de "mestiçagem" eugênica, como respostas à opressão racial do Mundo Negro, devia ser sem apelo.

Revigorado pelas novas bases teóricas oferecidas por Fanon e Diop, Césaire deu outro grande passo na sua vida política: se emancipar da ideologia marxista. A invasão soviética na Hungria, em 1956, lhe ofereceu o momento político da ruptura. Enviou, então, ao dirigente do Partido Comunista Francês, sua carta de desfiliação ("Não acredito num socialismo que massacra os operários. Não acredito num socialismo que se impõe com tanques"[41]). A *Carta a Maurice Thorez*[42], verdadeiro auto-acusatório contra o racismo - de *esquerda* e de *direita* - se converteria num dos três grandes ensaios teóricos da ***Negritude*** radical. Césaire aproveitou o momento para explicitar ao mundo as posições da verdadeira ***Negritude***:

> *Numa só palavra: que à luz dos acontecimentos (e tendo refletido sobre as práticas vergonhosas de anti-semitismo que têm lugar e que continuam, segundo parece, a se manifestar nos países que se proclamam socialista), tenho chegado a convicção que os nossos caminhos e os do comunismo tal qual ele é praticado, não se confundem, nem podem se confundir, pura e simplesmente. (...) Ao meu ver, há um fato capital: ou seja, que nós, homens de cor, neste momento preciso da evolução histórica, temos, na nossa consciência, tomado posse de toda a extensão da nossa singularidade e que estamos prontos para assumir, em todos os planos e em todos domínios, as responsabilidades que surgem dessa tomada de consciência. Singularidade da nossa "situação dentro do mundo", que não se pode confundir com nenhuma outra. Singularidade dos nossos problemas, que não se vinculam a nenhum outro problema. Singularidade da nossa história marcada por terríveis acontecimentos que pertencem exclusivamente a ela. Singularidade da nossa cultura, que queremos vivenciar da maneira mais real possível.*
>
> *Não é a vontade de lutar a sós ou de desdenhar qualquer aliança. É a vontade de não confundir aliança com subordinação. Solidariedade com renúncia. Ora, é exatamente isso que está implícito nas falhas bem aparentes que constatamos nos membros do Partido Comunista Francês: seu assimilacionismo inveterado; seu chauvinismo inconsciente; sua convicção bastante primária – que partilham com os burgueses europeus – quanto à superioridade omnilateral do Ocidente; sua convicção de que a evolução, tal qual se deu na Europa, é a única possível, a única desejável; que é por lá que o mundo inteiro deve passar; e, para tudo dizer, a sua crença, na maioria das vezes inconfessa, mas bem real, na civilização com C maiúsculo; no progresso com P maiúsculo (veja a hostilidade com a qual tratam aquilo que desdenhosamente chamam de "relativismo cultural"...) (...)*
>
> *O que eu quero é que o marxismo e o comunismo sejam colocados ao serviço dos povos negros, e não os povos negros ao serviço do marxismo e do comunismo. Que a doutrina e o movimento sejam feitos para os homens, não os homens para a doutrina ou para o movimento. E compreenda-se bem que isso não vale unicamente para os comunistas. Se eu fosse cristão ou mulçumano, diria a mesma coisa. (...)*

*segregação intra-muros e por diluição no "universal". A minha concepção do universal é aquela de um universal enriquecido do particular, enriquecido de todos os particulares, aprofundamento e coexistência de todos os particulares.*[43]

## A ARMADILHA DA DESCOLONIZAÇÃO

A descolonização na África, iniciada nos anos 1960, era uma farsa. No que diz respeito à França, sua legitimidade dependia da conivência de dirigentes como Felix Houphuet-Boigny, da Costa do Marfim, Fulbert Youlou, do Congo-Brazaville, Léon Mba, do Gabão, e de outras marionetes alçadas ao poder. Léopold Sédar Senghor somava-se a eles.

Logicamente, o Senegal independente, sob o comando do Senghor, poeta convertido em presidente em 1960, era um país profundamente imbricado na alienadora - e alienante - trama neocolonial. Senghor não matava nem encarcerava indivíduos; não era um dirigente sanguinário, como a maioria de seus congêneres. Utilizaria uma mística "negrista" que tentara transformar em *ideologia*, para consolidar seu poder político e opções culturais, em perfeito acordo com a França e em detrimento de todo um continente. Ao longo de duas décadas de governo (1960-1980), a ***Negritude*** lhe serviria como cortina de fumaça; por trás, seu governo escondia não somente seu rosto assimilacionista, seu hábil oportunismo político, mas também a sua proposta de cooperação submissa com o neocolonialismo imperial.

Pouco a pouco, surgiu a farsa de que a ***Negritude*** propagada por Senghor era a única, êxito que foi obtido mediante um extraordinário esforço de relações públicas, bancado frequentemente pelo Estado francês. A estratégia consistiu na organização de incessantes e dispendiosos congressos, seminários e festivais de intelectuais e artistas, além da publicação de suntuosas obras. E também da construção de monumentos simbólicos, distribuição de títulos e medalhas honoríficas. Enquanto isso, os intelectuais dissidentes e militantes anticolonialistas do Senegal eram vigiados, banidos, expulsos das instituições de ensino e culturais, impedidos de participar nos pleitos eleitorais ou de ensinar nas universidades.

Estatizada, oficializada de fato, e convertida em "***Negritude***" circunstancial, nas mãos de Léopold Sédar Senghor, o conceito foi reduzido a uma mera retórica negrista. A partir desse momento, e graças à tribuna mundial que a posição de Chefe de Estado conferia a Senghor, sua versão da ***Negritude*** iria se impor nas mentes como a *única* ***Negritude***. Como consequência, Césaire e Damas sofreram uma crescente marginalização.

Assim, a versão senghoriana da ***Negritude*** opera, principalmente, para encobrir o fato doloroso da submissão continuada da África aos desígnios imperialistas do Ocidente racializador. Césaire e Damas sabiam, mas se calaram. Talvez porque um outro fato aumentava seu embaraço: eles próprios não propuseram, para as dependências francesas do Caribe, outra coisa senão uma *autonomia*.

O fato de jamais ter reivindicado a independência para a sua própria Ilha, já integrada de fato à França como "Departamento de Ultramar", talvez seja a maior contradição que Césaire vivenciara na sua vida política. Propor para as colônias africanas uma independência total, que seu próprio povo nunca quis para si, o colocou numa posição politicamente delicada. "Eu tentei mostrar que a via da autonomia era uma direção indispensável e que é bem possível pertencer a um conjunto Francês sem que isso nos isente de uma busca de nós mesmos.[44] Para ele, o problema era conciliar a permanência dentro da nação francesa com a preservação e defesa da identidade especificamente caribenha. Realismo político, ou beco político sem saída?

A demanda de autonomia, na boca de um teórico ferrenho da descolonização, assemelhava-se a uma insolúvel contradição. Essa blocagem, inerente à própria complexidade dos laços das Antilhas com o estado Francês, contribuiu para que o silêncio de Césaire diante do desvio senghoriano fosse interpretado, pelas gerações mais jovens, independentistas, como aquiescência.

[43] Aimé Cesaire, *Lettre à Maurice Thorez*, op. cit. Nossa tradução.

[44] Toumpson e Henry-Valmore, op. cit., p. 198.

Césaire e Damas estavam decepcionados perante o rumo neocolonial que tinha tomado a África independente. No entanto, foram cuidadosos, não formulando denúncias públicas que fissurassem o amplo movimento do qual foram os radicais precursores. As duas décadas em que Senghor se manteve no poder corresponderam ao momento de um profundo e triste silêncio por parte deles. O seu silêncio teve, entretanto, o efeito de legitimar de fato a *Negritude* senghoriana como a única **Negritude** possível. E, o que é pior, dar a impressão de uma conivência de Césaire e Damas com os desmandos políticos de Senghor.

Foi um longo e perturbador silêncio diante do evidente confisco da *Negritude* por Senghor, e sua castração efetiva, para não ser mais do que uma ideologia coadjuvante da penetração neocolonial francesa nas suas antigas colônias da África ocidental. Isso abria uma brecha para os ataques dos que sempre foram detratores do Movimento da *Negritude*, por julgá-lo um "racismo às avessas", quando não um "fascismo negro". Tanto aos da esquerda como aos da direita, a ideia de uma reivindicação política *propriamente negra* incomodava muito. Grandes intelectuais da esquerda marxista já nem distinguiam as respectivas versões da *Negritude*, para atacá-la. A transformação de Césaire, por plumas malévolas, em "coadjuvante" do Senghor foi o cúmulo da ironia.

Dentre os detratores, o intelectual marxista haitiano René Depestre - para quem a *Negritude* não passava de "metafísica pequeno-burguesa"[45] - tornou-se o mais obstinado. Edouard Glissant, também da Martinica, criador do *creolismo* - movimento rival –, opôs-se a Césaire com mais elegância e nuance, talvez porque as suas propostas "universalistas" e "creolistas" assemelhavam-se, incomodamente, à "mestiçagem cultural" senghoriana. Stanislas Adotevi, do Benim, outro crítico de esquerda, fulminava essa noção; para ele, a **Negritude** não poderia ser outra coisa senão uma empreitada essencialista de cunho reacionário[46]. Wole Soyinka, respeitado intelectual da Nigéria, ironizou o termo *Negritude*, contrastando-o com uma suposta "tigritude" ("O tigre, não precisa proclamar a sua tigritude. Ele salta sobre a presa e a mata").[47]

Na solidão do exílio interno, Césaire mantinha o seu silêncio em meio a um profundo e amargo desapego existencial. Envolto à tristeza, voltava-se ao teatro como modo de expressão. Seu silêncio formal chegou a produzir belos gritos de raiva, vestidos sempre de uma elegante roupagem poética que descrevia o drama do mundo negro e a sua própria reação de revolta e insubmissão: *Les Chiens se taisaient* (E os cães calaram-se), *Tempête* (Tempestade), *Une saison au Congo* (Uma temporada no Congo), *La tragédie du Roi Christophe* (A tragédia do Rei Christophe).

*A tragédia do Rei Christophe*, situada no tempo da Revolução Haitiana, dramatiza o reino de um ex-dirigente revolucionário tornado monarca tirano. Ela foi, sem dúvida alguma, a sua mais explícita e contundente denúncia da impostura da descolonização na África e da emergência de uma nova elite corrupta e brutal de mistificadores. Nessa peça, de extraordinária clarividência, Césaire ilustra, de maneira gráfica, a traição dos povos africanos pelas suas elites, vaticinada tão claramente por Frantz Fanon em *Os Condenados da Terra*. Perfeito exemplo dessa submissão ao neocolonialismo era o Senegal, país prostrado diante da França. Então, sob a tirania retórica mistificadora do seu amigo Senghor, o Senegal não poderia estar longe no seu espírito no momento da composição de *A tragédia do Rei Christophe*.

Importantes figuras do mundo negro, como Cheikh Anta Diop e Pathé Diagne, adversários intransigentes de Senghor, sofriam na carne o isolamento de Césaire. Vivia um momento difícil, nebuloso, enquanto, ao seu redor, florescia a floresta que ele próprio plantara com seu verbo encantatório. Nas lutas concretas, no mundo inteiro, as propostas da *Negritude* ganhavam terreno na África e na diáspora. Na realidade, a *Negritude* consagrou-se, definitivamente, enquanto conceito e como uma práxis social, nas décadas de 1960 e 1970.

[47] A polêmica contra a *Negritude* e o **Pan-africanismo** se alastrou para o século XXI, ressurgindo invariavelmentenas nas obras daqueles que se opõem às reivindicações

A *Negritude* explodira, no coração dos Estados Unidos, sob a liderança de Stockely Carmichael e de Rap Brown, na forma do movimento *Black Power* (Poder Negro) e seu magnífico grito de *Black is Beautiful* (Ser Negro é Belo). Ela chegava, igualmente, à diáspora caribenha e sulamericana, particularmente na Colômbia, onde eclodiram, a partir das décadas de 1960 e 1970, movimentos de reivindicação *propriamente negros* em praticamente todos os países, definindo-se como respostas autônomas à opressão especificamente racial, feita aos *negros* por serem *negros*. No caso específico do Brasil, a *Negritude* voltaria triunfal nos anos 1970, através de iniciativas política e culturais: a fundação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial e o surgimento do Bloco Afro Ilê Aiyê, com sua insistência sobre a beleza negra e o amor à África.

Fertilizou o movimento *rastafariano*, no Caribe, com *Count Osie and the Mystic Revelation* ("Grounation"); inspirou o "jazz/poetry" do *The Last Poets* (*"Jibaro", "Wake Up, Niggers"*), primeiro grupo de Rap surgido nos Estados Unidos, precursor do *Hip Hop*. A *Negritude* césairiana estava estampada no rosto do *Funk* de James Brown (*"I am Black and Proud"*), no *Afro-Beat* de Fela Kuti (*"Yellow Fever"*), no *Reggae* de Bob Marley (*"Redemption Song"*) e de Peter Tosh (*"African"*).

Na própria África, a *Negritude* frutificava-se no movimento da *Black Consciousness* (Consciência Negra), sob a impulsão intelectual de Steve Biko. Espalhava-se por todos os cantos, impregnando às consciências com tanta naturalidade que milhões de filhos do *Caderno de um Retorno ao País Natal* sequer conheciam o nome do autor desse telúrico texto iniciático e fundador. O pensamento de Césaire se converteu em ações concretas de *todos* os movimentos de reivindicação negra no mundo. E pouco importa se esses militantes ouviram falar de Césaire ou não, ou se eles se reconheciam sob o rótulo do pensamento chamado de *Negritude*.

A *Negritude* é a tentativa específica do mundo negro de *compreensão* teórica desse fenômeno poderoso que é o *racismo*, e da articulação de respostas para contê-lo em suas ramificações socioeconômicas, combatê-lo no imaginário social e destruí-lo nas estruturas através de medidas políticas, culturais e econômicas concretas. Da Revolução do Haiti para cá, a *Negritude* não era outra coisa senão a crescente sofisticação, em termos teóricos, desse rechaço global e frontal, perfilado na luta dos revolucionários negros haitianos, perante a noção da desigualdade intrínseca e eterna das raças humanas. A *Negritude* era de *todos*, para evoluírem como seres humanos e estabelecerem sociedades justas.[48]

## O ÚLTIMO DISCURSO

Onde estava o brilhante teórico do monumental *Caderno de um Regresso ao País Natal*, do incomparável *Discurso sobre o Colonialismo*, da presciente *Carta a Maurice Thorez*? Para muitos militantes negros, o incômodo gerado pelo imutável silêncio de Aimé Césaire, tornou-se angústia quando da morte súbita, em 1986, de Cheikh Anta Diop; aquele que, de fato, dera à *Negritude* suas bases históricas.

Cientista brilhante e homem político irretocável, Diop fora proscrito em seu próprio país - o Senegal de Senghor.[49] Sua morte prematura, aos 62 anos, soou o alarme: um por um, os grandes dirigentes históricos do maior movimento de contestação surgido no seio da inteligência negra mundial, no pós-guerra, estavam se extinguindo. O próprio Damas falecera oito anos antes, em 1978, no esquecimento. Também desaparecera subitamente, em 1980, Alioune Diop,[50] o influente articulador do movimento da *Negritude*.

[48] O grande sucesso da *Negritude* se encontra, justamente, nesse fato: trata-se de uma visão que já alcançou todo o planeta, implicando a todos. Na atualidade, a *Negritude* é reelaborada pelo movimento Hip-Hop mundial, atingindo jovens do mundo inteiro, sejam negros ou não. Atinge todos aqueles que desejam uma mudança fundamental da sociedade na luta contra o racismo, o sexismo, a homofobia, a xenofobia, o castismo , o chauvinismo e o ódio inter-confessional.

[49] Encarcerado no inicio dos anos sessenta e banido de ensino na universidade durante os vinte anos que durou o governo de Senghor (1960-80), suas obras, também, foram proscritas do currículo acadêmico.

[50] Fundador e diretor da revista *Présence Africaine*, voz do movimento da Negritude, Alioune Diop lhe deu uma vida institucional a esse movimento. Organizou os célebres congressos de Intelectuais e Artistas Negros (Paris, 1957; Roma, 1959), assim com o primeiro e segundo Festival Mundial de Artes Negras. Foi o idealizador de dezenas de seminários e encontros negros, e o responsável pela edição das obras fundamentais dos autores da África e da diáspora.

Com eles, se extinguiria também a consciência da lin
de demarcação que definia claramente as duas versõ
*opostas* da ***Negritude***. A hipótese da morte de Césaire tra
como consequência imediata a entronização permanen
da visão senghoriana.

Como aceitar que, para as gerações vindouras, a ***Negritu***
não fosse mais do que uma operação de rendição política
de subordinação cultural ao Ocidente?

Para muitos daqueles que tinham assistido, impotent
e revoltados, à progressiva perda de terreno mor
da ***Negritude***, agora confundida nas águas turvas d
manipulação neocolonialista senghoriana, tornava-
urgente que Aimé Césaire se pronunciasse. O precio
legado césairiano deveria ser resgatado para as futur
gerações; para toda a humanidade à qual essa mensage
de libertação total do Humano fora destinada. Traçar d
novo, claramente, a linha de demarcação existente ent
uma proposta de verdadeira emancipação e um vergonhos
projeto de assimilação subserviente ao mundo ocidenta
isso é o que se reclamava de Césaire!

Assim, no limiar do século XXI, urgia, politicamente, q
o mais radical expoente do conceito de ***Negritude***, aque
que lhe dera seu conteúdo mais promissor, revalidass
diante do mundo, os fundamentos primários dess
pensamento e práxis *humanista*. Um humanismo visto
vivenciado através do prisma da *experiência singular* d
povos de *raça negra*.

No início, Césaire mostrou-se refratário à ideia de um
redefinição contenciosa das suas ideias sobre a ***Negritude*** e
relação à interpretação que tinha lhe dado Senghor. Apesar d
profundas divergências entre ambos, Césaire manteve vivo se
afetuoso reconhecimento para aquele que o fez amar a Áfric
Ele lhe manifestara uma amizade indefectível até o fim da vid
Césaire cederia às súplicas somente sob uma condição: qu
Léopold Sédar Senghor também tivesse a mesma oportunidad
no mesmo foro, de apresentar a sua própria visão divergent
sobre a ***Negritude***.



O momento desse último confronto de ideias[51], efetivo
ivisor de águas, deu à luz àquilo que seria, efetivamente, o
ltimo pronunciamento teórico de Aimé Césaire. Texto re-
efinidor e também definitivo, O *Discurso sobre a Negritude*,
omo espontaneamente designou-se mais tarde, respondeu,
e maneira categórica, o que aguardavam todos aqueles
ue – desde o *Caderno de um Regresso ao País Natal* até o
*iscurso sobre o Colonialismo* e sua *Carta a Maurício Thorez* –
econheciam, na figura de Césaire, a consciência moral do
undo negro do pós-guerra.

No *Discurso sobre a Negritude*, Césaire restabeleceu,
efinitivamente, a sua concepção essencial desse conceito
evolucionário. Seu significado confirma, sem quaisquer
quívocos ulteriores possíveis, aquilo que ele sempre
ustentara, contra ventos e marés.

A ***Negritude*** não é uma corrente estética passageira nem
ma pretensiosa escola filosófica; muito menos ideologia ou
eligião. É, sim, uma *forma de consciência* oposta ao ***racismo***;
m *posicionamento ético e moral global* frente à racialização
as relações humanas. Portanto, um *jeito de ser, de pensar, de*
*tuar e de se conceber* frente à realidade concreta num mundo
ue, efetivamente, valora e hierarquiza as raças.

***Negritude*** é uma "consciência-posicionamento" frente
o ***racismo***. Além do enfrentamento ao ***racismo*** em si, é
ma forma de consciência contrária a todas as demarcações
rejudiciais surgidas no mundo para designar um Outro; seja
ue Outro for e a despeito dos motivos que forem alegados
ara justificar a sua separação. Forma de consciência
otalmente abarcadora, organicamente inclusiva, porém,

[51] O encontro foi denominado, pela circunstância, de **Primeira Conferência Hemisférica de Povos Negros da Diáspora (Homenagem à Aimé Césaire)** e teve ugar na *Florida International University (FIU)*, Miami, do 26 ao 28 de fevereiro de 1987. Congregou perto de mil participantes, incluindo muitos vindos de vários cantos do planeta: Pathé Diagne (Senegal), Kamanda wa Kamanda (Congo), Manuel Zapata Olivella (Colombia), Rex Nettleford (Jamaica), Maya Angelou , Richard Long, St Clair Drake, Alex Haley (USA), Antonio Preciado Bedoya (Ecuador), Quince Duncan (Costa Rica), Edward Greene (Guyana), Lélia Gonzalez e Abdias Nascimento (Brasil), Bassette Cayasso (Nicaragua), Justo Arroyo (Panamá), Edouard Maunick (Ilhas de Mauricio), Roy Guevara Arzu (Honduras), José Carlos Luciano Huapaya (Peru), e outros.

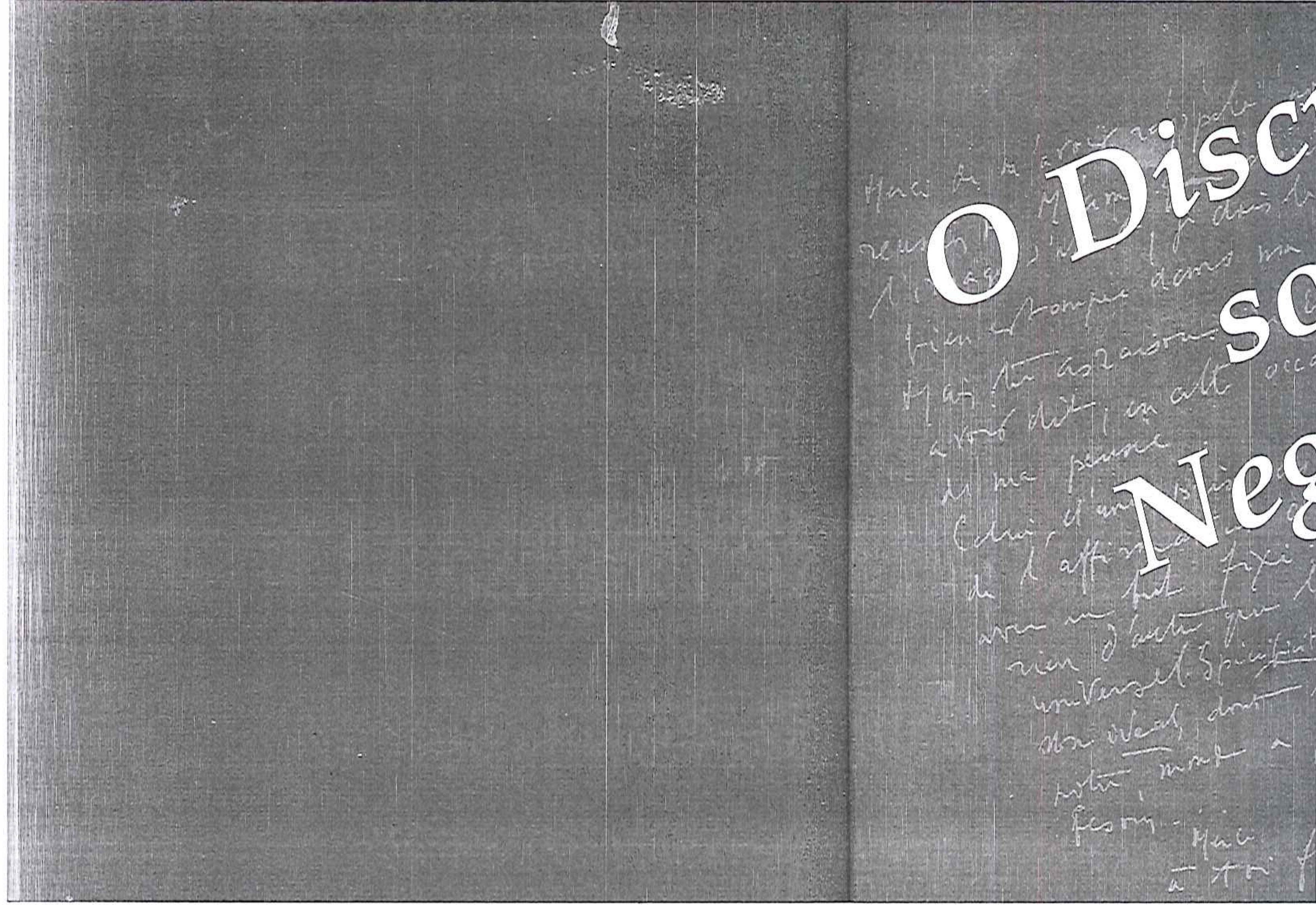
*realmente, universalista,* pois legitimadóra do destino comum da espécie humana através da assunção das singularidades que a marcam materialmente.

Emergida do fundo da mais traumática e singular experiência de exclusão já imposta a uma coletividade humana, a ***Negritude*** é uma arma de libertação individual e de emancipação comunitária a serviço da única tarefa espiritual que realmente corresponde a *todos:* contrapor-se, de maneira concreta e atuante, a *todas* as formas de separação feitas ao ser humano ao longo da sua trajetória única como espécie, sem hesitações egoístas ou distinções convenientes... e lutar para superá-las.

Um verdadeiro testamento político para a posteridade.

**Carlos Moore**
*African Heritage Foundation*

# Présentation du Président du Conseil Général de la Martinique, Claude Lis



# AIMÉ CÉSAIRE

O DISCURSO SOBRE A NEGRITUDE

MIAMI, 1987

## NEGRITUDE, ETNICIDADE E CULTURAS AFRO NAS AMÉRICAS

Meus caros amigos, senhoras, senhores,

Os senhores decidiram incluir nos trabalhos do seu congresso aquilo que chamam de homenagem a Aimé Césaire.

Eu não saberia dizer-lhes o quanto eu me sinto confuso e, ao mesmo tempo, lhes sou reconhecido por essa honra.

Eu agradeço aos diferentes oradores que fizeram intervenções, por todas as apreciações benevolentes e amigas que fizeram questão de dirigir ao meu trabalho de escritor e, ao mesmo tempo, de homem político. Mas, enfim, se eu aceito, e com reconhecimento, essa homenagem, é principalmente porque eu tomei consciência de que ela me transcendia, e que, por meu intermédio, aqueles que eram homenageados eram amigos variados, companheiros de luta, um país caribenho também, toda uma escola de pensamento militante, de escritores, de poetas, de ensaístas que, durante mais de 40 anos, tomaram como tema de sua reflexão, bem como de seus trabalhos - eu ousaria mesmo dizer como tema de sua obsessão -, uma reflexão sobre o destino do homem negro no mundo moderno, o que se comprova pela presença, entre nós, de brilhantes escritores, dentre os quais, afroamericanos.

Retornando ao tema desta conferência, sem intenção de ofender ninguém, eu confesso não ter sempre gostado do termo Negritude, mesmo tendo sido eu, com a cumplicidade de alguns outros, que contribuí para inventá-lo e lançá-lo. Mesmo que eu não o idolatre, ao vê-los todos aqui reunidos e vindos de países diversos, eu me confirmo que ele corresponde a uma realidade evidente e, sem dúvida, a uma necessidade profunda inegável.

Qual é essa realidade?

Uma realidade étnica, me dirão.

Certamente, porque também a palavra etnicidade foi dita a propósito deste congresso. Mas não se pode permitir que a palavra nos desvie do assunto. De fato, a Negritude não é essencialmente de natureza biológica. Evidentemente, para além do biológico imediato, ela faz referência a qualquer coisa de mais profundo, mais exatamente a uma soma de experiências vividas que terminaram por definir e caracterizar uma das formas de humanismo criado pela história; é uma das formas históricas da condição humana.

Efetivamente, basta se perguntar sobre o denominador comum que reúne, aqui em Miami, os participantes deste congresso para perceber que eles têm em comum, não necessariamente uma cor de pele, mas o fato de que eles se ligam, de uma maneira ou de outra, a grupos humanos que sofreram as piores violências da história, grupos que sofreram e sofrem frequentemente por serem marginalizados e oprimidos.

Eu lembro ainda o meu espanto quando, pela primeira vez, em Quebec, eu vi, na vitrine de uma livraria, um livro cujo título me pareceu de imediato surpreendente. O título era: "Nós os negros brancos da América". Sem dúvida, eu sorri do exagero, mas eu disse a mim mesmo: "Olha só, esse autor. Ainda que exagere, ao menos compreendeu a Negritude."

Sim, nós constituímos uma comunidade, mas uma comunidade de um tipo bem particular, reconhecível pelo que ela é, pelo que ela foi; que, apesar de tudo, se constituiu em uma comunidade: primeiramente, uma comunidade de opressão sofrida, uma comunidade de exclusão imposta, uma comunidade de discriminação profunda. Bem entendido, e em sua honra, ela é uma comunidade de resistência contínua, de luta tenaz pela liberdade e de indubitável esperança.

Sem dúvida, é tudo isso que, aos nossos olhos de jovens estudantes (à época Léopold Senghor, Leon Damas, eu mesmo; mais tarde, Alioune Diop e nossos companheiros de Présence-Africaine), é tudo isso que significava e significa, aos olhos dos sobreviventes do grupo, a palavra por vezes desacreditada, por vezes desgastada, mas, de toda maneira, uma palavra de emprego e de manejo difíceis: a palavra Negritude.

A Negritude, aos meus olhos, não é uma filosofia.

A Negritude não é uma metafísica.



A Negritude não é uma pretensiosa concepção do universo.

É uma maneira de viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas.

Como não crer que tudo aquilo que tem sua coerência constitui um patrimônio?

É preciso mais para construir uma identidade?

Os cromossomos me importam pouco. Mas eu creio nos arquétipos.

Eu creio no valor de tudo aquilo que está enterrado na memória coletiva de nossos povos e mesmo no inconsciente coletivo.

Eu não creio que se chegue ao mundo com o cérebro vazio, como se chega com as mãos vazias.

Eu creio na virtude formadora das experiências seculares acumuladas e do vivido veiculado pelas culturas.

Eu, pessoalmente, diga-se de passagem, nunca pude me habituar à ideia de que os milhares de homens africanos, que o tráfico negreiro transportou outrora às Américas, não tiveram outra importância senão a sua força animal – uma força animal análoga, e não necessariamente superior, àquela do cavalo ou do boi – e que eles não tenham impregnado as civilizações nascentes de um certo número de valores essenciais, dos quais essas novas sociedades eram portadoras em potencial.

Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade.

Mas a Negritude não é apenas passiva. Ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento.

Ela não é nem da ordem do patético nem do choramingo.

A Negritude resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito.

Ela é um despertar; despertar de dignidade.

Ela é uma rejeição; rejeição da opressão.

Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade.

Ela é também revolta. Mas, então, me dirão os senhores,

revolta contra o quê? Eu não esqueço que eu estou aqui em um congresso cultural, que eu escolhi falar sobre isso aqui em Miami. Eu creio que se pode dizer, de maneira geral, que, historicamente, a Negritude foi uma forma de revolta, em princípio contra o sistema mundial da cultura tal qual ele se constituiu durante os últimos séculos e que se caracteriza por um certo número de preconceitos, de pressupostos que resultaram em uma hierarquia muito rígida.

Dito de outra forma, a Negritude foi uma revolta contra aquilo que eu chamaria de reducionismo europeu.

Eu quero falar desse sistema de pensamento ou, principalmente, da tendência instintiva de uma civilização eminente e prestigiosa de abusar do seu próprio prestígio, para instalar o vazio em torno dela ao reduzir abusivamente a noção de universal, cara a Léopold Senghor, às suas próprias dimensões, isto é, em pensar o universal a partir dos seus postulados e por meio de suas próprias categorias. Nós temos visto, e muito bem, as consequências que isso provoca: separar o homem de si mesmo, separar o homem de suas raízes, separar o homem do seu universo, separar o homem da sua própria humanidade, e isolá-lo, em definitivo, em um orgulho suicida ou em uma forma racional e científica da barbárie.

Mas, me dirão os senhores, uma revolta que é apenas revolta não é nada mais do que um impasse histórico. Se a Negritude não foi um impasse, é porque ela levava além. Aonde ela nos levava? Ela nos levava a nós mesmos. E de fato, era - após uma longa frustração -, era a apropriação do nosso passado por nós mesmos e, por meio da poesia, por meio do imaginário, por meio do romance, por meio das obras de arte, a fulguração intermitente do nosso possível devir.

Abalo de conceitos, terremoto cultural, todas as metáforas de isolamento são aqui possíveis. Mas o essencial é que, com a Negritude, era iniciado um empreendimento de reabilitação dos nossos valores por nós mesmos, de aprofundamento sobre o nosso passado por nós mesmos, do re-enraizamento de nós mesmos em uma história, uma geografia e uma cultura. Tudo isso se traduzindo não por uma valorização arcaizante do passado, mas por uma reativação do passado, tendo em vista o seu próprio distanciamento.



Literatura, dirão?

Especulação intelectual?

Sem dúvida. Mas nem a literatura, nem a especulação intelectual são inocentes e inofensivas.

E, de fato, quando eu penso nas independências dos países africanos dos anos 60, quando eu penso nesse impulso de fé e de esperança que levantou, à época, todo um continente, é verdade, eu penso na Negritude. Pois eu penso que a Negritude teve o seu papel, e um papel talvez capital, porque foi um papel de fermento ou de catalisador.

É certo que esta reconquista da África, por si e para si, não foi algo fácil. O exercício dessa nova soberania levou, em alguns casos, a desvios e, também, desilusões. Mas, quando olhamos para a história da humanidade, incluindo a história da emergência das nações na própria Europa, em pleno século XIX - não só na Europa, mas em outros lugares - seríamos culpados da cegueira de não ver que África também devia, fatalmente, pagar seu próprio tributo a esse momento de grande transformação.

Mas, não é isso o essencial. O essencial é que a África virou a página do colonialismo e que, ao virá-la, ela contribuiu para inaugurar uma nova era para a humanidade inteira.

Quanto ao fenômeno americano, ele não é nem menos extraordinário, nem menos significativo, mesmo que se trate, aqui, de um colonialismo interno, de uma revolução silenciosa (a revolução silenciosa é a melhor forma de revolução). Efetivamente, quando eu vejo os formidáveis progressos realizados nos últimos tempos pelos nossos irmãos afroamericanos, quando eu vejo o grande número de cidades administradas nos Estados Unidos por prefeitos negros; quando eu vejo, por toda parte, nas escolas, nas universidades, o número crescente de jovens e adultos negros; quando eu vejo esse formidável avanço – para empregar o termo americano: *advancement of coloured people* –, eu não posso deixar de pensar na ação desenvolvida neste país por Martin Luther King Jr., seu herói nacional, ao qual, em justa homenagem, a nação americana consagrou um dia comemorativo.

Mas, neste congresso cultural, eu acrescento que penso também em outros, em particular nessa plêiade, já distante, de escritores, de ensaístas, de romancistas, de poetas que influenciaram Senghor e eu – que, após a primeira guerra mundial, constituíram o que foi chamado de a renascença negra: a *Black Renaissance*.

Homens como Langston Hughes, Claude McKay, Countee Cullen, Sterling Brown, aos quais vieram se juntar homens como Richard Wright, para citar apenas alguns... Pois, que se saiba, foi aqui nos Estados Unidos, entre vocês, que nasceu a Negritude. A primeira Negritude, essa foi a Negritude americana. Nós temos, com esses homens, uma dívida de reconhecimento que é preciso lembrar e proclamar.

O que concluir de tudo isso senão que, para todo grande reajuste político, que, para todo reequilíbrio de uma sociedade, que, para toda renovação de costumes, há sempre uma condição prévia que é a condição cultural.

Mas, me dirão vocês, o que vem a ser, em tudo isso, a famosa noção de *etnicidade* que foi colocada em destaque na exposição de motivos deste congresso e sobre a qual vocês nos convidaram a meditar?

Eu diria, de minha parte, que eu a substituiria, com muito gosto, por uma outra palavra que lhe é quase sinônima, mas desprovida das conotações forçosamente desagradáveis que a palavra *etnicidade* possui.

Então, em lugar de "etnicidade" (*ethnicity*), eu diria ***identidade*** (*identity*), que designa bem o que ela significa: o que é fundamental, aquilo sobre o qual todo o resto se constrói ou pode se construir: o núcleo duro e irredutível; o que dá a um homem, a uma cultura, a uma civilização sua forma própria, seu estilo e sua irredutível singularidade.

E, então, voltamos ao que disse antes. E, porque eu falei, de fato, de uma pré-condição cultural indispensável a todo despertar político e social, diria que essa pré-condição cultural, essa explosão cultural geradora do todo, tem, ela mesma, um início. Por sua vez, ela teria sua própria pré-condição, que não é outra coisa senão a explosão de uma identidade por longo tempo reprimida; por vezes negada; e, finalmente, liberada. Enfim liberada, essa identidade se afirma, para ser reconhecida.



A Negritude foi tudo isso: busca de nossa identidade, afirmação do nosso direito à diferença, aviso dado a todos do reconhecimento desse direito e do respeito à nossa personalidade coletiva.

Eu sei bem que essa noção de identidade é hoje contestada ou combatida por alguns que fingem ver na nossa obsessão identitária um tipo de autocompaixão aniquiladora e paralisante.

Pessoalmente, não acredito em nada disso.

Eu penso em uma identidade não arcaizante, devoradora de si mesma, mas sim devoradora do mundo, isto é: apoderando-se do presente, para melhor reavaliar o passado e, mais ainda, para preparar o futuro. Pois, enfim, como medir o caminho percorrido se não sabemos nem de onde viemos e nem aonde queremos ir? Que se pense sobre isso. Nós lutamos duramente, Senghor e eu, contra a perda da nossa cultura e contra a aculturação. Pois bem, eu digo que virar as costas à identidade é voltar àquela situação, entregando-se, sem defesa, à alienação, palavra que ainda tem todo seu peso.

Nós podemos renunciar ao patrimônio.

Nós podemos renunciar à herança, é verdade.

Mas, será que temos o direito de renunciar à luta?

Eu vejo que alguns se interrogam, de tempos em tempos, sobre a Negritude. Mas, em verdade, a questão hoje em dia não é a Negritude. A questão é o racismo; é o recrudescimento do racismo no mundo inteiro; são os focos de racismo que se reacendem aqui e acolá. São, em particular, as grandes explosões de violência da África do Sul e do *apartheid*. É esta a questão. É com isto que devemos nos preocupar.

Seria, agora, o momento de baixarmos a guarda e nos desarmarmos?

De fato, o momento atual é para nós muito grave, pois, a cada um dentre nós, uma questão se coloca, e se coloca pessoalmente: ou bem se livrar do passado como de um fardo que nos atrapalha e nos desagrada, que é apenas um entrave à nossa evolução; ou bem assumi-lo virilmente, fazendo dele um ponto de apoio, e continuar nossa marcha para frente.

É necessário optar.

É necessário escolher.

É essa escolha que faz deste congresso – como me dizia recentemente um amigo querido, o Doutor Aliker, a quem eu quero homenagear aqui e que fez questão de me acompanhar a Miami - é essa escolha que faz com que este congresso tenha sentido; que faz com que este congresso seja pertinente.

Para nós, a escolha está feita.

Nós somos daqueles que se recusam a esquecer.

Nós somos daqueles que recusam a amnésia mesmo que seja como uma saída.

Não se trata de integralismo, nem de fundamentalismo e, ainda menos, de egocentrismo pueril.

Nós somos simplesmente do partido da dignidade e do partido da fidelidade. Eu diria, então: semear, sim; arrancar, não.

Eu vejo bem que alguns, assombrados pelo nobre ideal do universal, rejeitam aquilo que pode parecer, se não como uma prisão ou um gueto, ao menos como uma limitação.

De minha parte, eu não tenho essa concepção aprisionadora da identidade.

O universal, sim. Faz um bom tempo que Hegel nos mostrou o caminho: o universal, certamente, mas não pela negação, e sim como aprofundamento da nossa própria singularidade.

Manter o rumo sobre a identidade – eu lhes asseguro - não é nem dar as costas ao mundo nem separar-se do mundo, nem ignorar o futuro, nem atolar-se numa sorte de solipsismo comunitário ou no ressentimento.

Nosso engajamento só terá sentido se se tratar de um *re-enraizamento* e também de um desabrochar, de uma superação e da conquista de uma nova e mais ampla fraternidade.



# Annexe

# Annex

# Anexo

*Ont participé à ce colloque :*

**Maya Angelou** (USA) :
Femme de lettres, professeur de littérature, poétesse.
*Woman of letters, professor of literature, poet.*
"Ensemble"*, *"Together"**

**Justo Arroyo** (Panama) :
Poète, professeur de littérature, critique littéraire, essayiste, et l'ancien directeur des Affaires Culturelles de Panama et ancien ambassadeur.
*Poet, professor of literature, literary critic and essayist, former director of Cultural Affairs and former ambassador of Panama.*
"Les relations raciales au Panama"*
*"Race Relations in Panama"**

**Roy Guevara Arzu** (Honduras) :
Economiste, conseiller au Ministère de la planification économique du Honduras. En 1987 il était Président de la Fraternité Nationale Noire du Honduras.
*Economist. Advisor to the Ministry of Economic Planning of Honduras. In 1987 he was president of the National Black Brotherhood of Honduras.*
"Les Garifunas au Honduras"*
*"The Garifunas in Honduras"**

**Antonio Preciado Bedoya** (Equateur) :
Professeur, poète influencé par les écrivains de la Négritude des années 30 et 40.
*Professor. Poet influenced by the negritude writers of the 1930's and 1940's.*
"La Vie des noirs en Equateur"*
*"The Life of Blacks in Ecuador"**

**Iva E. Carruthers** (USA) :
Sociologue, professeur et ancienne présidente du Département de sociologie à l'Université du Nord-est d'Illinois.
*Sociologist, professor and former chairperson of the sociology department at Northeastern University in Illinois.*
"L'album familial d'une grande assemblée"*
*"Family Album of a Grand Sitting"**
"L'évolution du racisme au 21ème siècle"*
*"The Evolution of Racism into the 21st Century"**

**Bassette Cayasso** (Nicaragua) :
Médecin généraliste.

**Aimé Césaire** (Martinique) :
Homme de Lettres (poète, dramaturge) reconnu mondialement. Homme politique, au moment de la conférence, il est Maire de Fort de France et Député à l'Assemblée Nationale de France.
*Man of Letters (poet and playwright), acclaimed internationally. Statesman at the time of the conference, he was Mayor of Fort de France and Deputy of France's National Assembly.*
"Discours sur la Négritude"*
*"Discourse on Negritude"**

**John Henrik Clarke** (USA) :
Historien, Professeur Honoraire (décédé).
*Historian. Professor Emeritus (deceased)*
"Les réponses afro-culturelles à l'esclavage et à l'oppression aux Amériques"*
*"African Cultural Responses to Slavery and Oppression in the Americas"**

**Jean Crusol** (Martinique) :
Economiste, professeur de l'Université des Antilles et de la Guyane. Conseiller régional de la Martinique.
*Economist, professor at the University of the French West Indies and Guyana. An advisor to the Regional Council of Martinique.*
"Les entreprises noires aux Antilles françaises"*
*"Black Business in the French West Indies"**

**Quince Duncan** (Costa Rica) :
Ecrivain, Professeur de littérature à l'Université de Heredia au Costa Rica.
*Writer, professor of literature at the University of Heredia in Costa Rica.*
"La question raciale au Costa Rica"*
*"The Race Question in Costa Rica"**

**Mari Evans** (USA) :
Poétesse, dramaturge et critique littéraire
*Poet, playwright and literary critic*
"Les Pratiques de l'éducation des enfants et leur relation au chaos et changement au sein de la famille africaine-américaine"*
*"The Relationship of Childrearing Practices to Chaos and Change in the African American Family"**

**Lelia Gonzalez** (Brésil) :
Sociologue, professeur (déc é)
*Sociologist, professor (dece ed)*
"La femme noire au Brési'
*"The Black Woman in Brazil"**

*Political scientist. Pro Vice Chancellor of the University of the West Indies and director of its Institute for Social and Economic Research.*
"Vers une économie politique de la Négritude"*
*"Towards a Political Economy of Negritude"**

**Ruth Simms Hamilton** (USA) :
Sociologue, professeur à l'Université de l'Etat de Michigan.
*Sociologist, professor at the University of Michigan*
"La conceptualisation de la diaspora africaine"*
*"Conceptualizing the African Diaspora"**

**José Carlos Luciano Huapaya** (Pérou) :
Sociologue, co-fondateur du Centre d'Etudes Afro-Péruviennes.
*Sociologist, co-founder of the Center of Afro-Peruvian Studies*
"La présence africaine au Pérou"*
*"The African Presence in Peru"**

**Richard Long** (USA) :
Homme de Lettres, professeur de littérature à l'Université d'Emory.
*Man of Letters. Professor of literature at Emory University.*
"Aimé Césaire : Les interfaces entre le passé et le présent"*
*"Aimé Césaire : Interfaces with the Past and the Present"**

**Ali A. Mazrui** (Kenya) :
Politologue, professeur à l'Université de Michigan.
*Political scientist. Professor at the University of Michigan.*
"Le monde africain en changement constant : la dialectique de la diversité dans le monde noir"*
*"Global Africa in Flux : The Dialectic of Diversity in the Black World"**

**Carlos Moore** (Cuba) :
Ethnologue politique, professeur.
*Political ethnologist, professor.*
"Les afro-cubains et la révolution communiste"*
*"Afro-Cubans and the Communist Revolution"**

**Abdias do Nascimento** (Brésil) :
Homme de Lettres, dramaturge, essayiste, peintre, co-fondateur du Congrès des Cultures Noires aux Ameriques et membre du Parliament fédéral du Brésil.
*Man of Letters, playwright, essayist, painter and co-founder of the Congress of Black Cultures of the Americas. Member of the Federal Parliament of*

**Rex Nettleford** (Jamaïque) :
Ecrivain, essayiste, historien culturel, critique littéraire et social, chorégraphe, Président de l'Université de West Indies.
*Writer, essayist, cultural historian, literary and social critic, choreographer. Pro Vice Chancellor of the University of the West Indies.*
"Les esthétiques de la Négritude : une métaphore pour la libération"*
*"The Aesthetics of Negritude : A Metaphor for Liberation"**

**Manuel Zapata** Olivella (Colombie) :
Médecin généraliste, écrivain, essayiste.
*Medical doctor, writer and essayist.*
"Le rôle des intellectuels noirs dans la construction de l'unité des peuples noirs"*
*"The Role of Black Intellectuals in Forging Black Unity"**

**Léopold Sédar Senghor** (Sénégal) :
Homme de Lettres, membre de l'Académie Française.
Ancien Chef d'Etat du Sénégal. (décédé)
*Man of Letters, member of the French Academy. Former President of Senegal. (deceased)*
"Négritude et la civilisation de l'Universel"*
"Negritude and the Civilization of the Universal"*

**Adrienne Shadd** (Canada) :
Historienne.
*Historian.*
"L'histoire des femmes noires au Canada"*
*"A History of Black Women in Canada"**

**Bettye J. Parker Smith** (USA) :
Ecrivain, professeur, Vice Présidente de Tougaloo College, Mississippi.
*Writer, professor. Vice President of Tougaloo College in Mississippi.*
"La saga continue des femmes noires aux Etats-Unis"*
*"The Continuing Saga of Black Women in America"**

**Francina Thomas** (USA) :
Ecrivain, responsable des relations publiques.
*Writer, Public Relations Officer*
"Epilogue – "La conférence de la Négritude" : un bilan personnel de son impact des années plus tard"*
*"Epilogue – 'The Negritude Conference' : a Personal Assessment of its Impact Years Later"**